

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO, INCLUSÃO E DIVERSIDADE: estratégias e práticas pedagógicas.

OLIVEIRA, Jefferson Greiki da Silva ¹

SILVA, Jorge Cleber Pereira da ²

MORAIS, Larisse Araujo Santana de ³

SOUSA, Leandro Mateus Martins de ⁴

RESUMO: O presente estudo trata de vivências do planejamento pedagógico, inclusão e diversidade na gestão educacional de uma entidade do Sistema S, localizada em Caxias-MA, recorrendo sobre dificuldades, práticas e soluções para engajamento e formação de ambiente escolar inclusivo. O objetivo foi analisar o planejamento e execução de práticas pedagógicas voltadas à promoção da inclusão e da diversidade no ambiente educacional e social. A pesquisa foi construída a partir de memorial reflexivo dialogando com pesquisa bibliográfica que serviu de base para a prática da gestão pedagógica. Verificou-se que o planejamento pedagógico participativo é relevante na construção de práticas pedagógicas inovadoras, no engajamento dos sujeitos da comunidade escolar e na solução de problemas. Além disso, na prática pedagógica analisada, o planejamento foi utilizado para identificar as melhores ações para melhorar da diversidade da escola enquanto ambiente seguro e inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento. Inclusão. Diversidade. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

O planejamento é uma atividade essencial em qualquer prática humana, pois consiste em um processo de racionalização e organização que permite articular e selecionar temáticas, prazos e ideias para alcançar determinados objetivos. Considerando a complexidade da prática pedagógica, que envolve sujeitos heterogêneos com diferentes saberes e níveis de aprendizado, torna-se evidente que o planejamento pedagógico é uma etapa crucial para o êxito do docente em sua empreitada.

Para Libâneo (2013), o planejamento orienta, racionaliza, organiza e coordena

¹ Graduado em Direito pela Faculdade do Vale do Itapecuru (FAI), cursando Especialização Inovação e Tendências Educacionais (UFPE), jeffersongreiki@outlook.com

² Mestre em Gestão Pública (UFPI), Bacharel em Administração, Docente no IFMA Campus Viana, cleber.silva@ifma.edu.br

³ Especialização em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas (Faculdade Metropolitana), Graduada em Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas (UEMA). Bacharel em Direito pela Faculdade do Vale do Itapecuru (FAI), larissemoraes6@gmail.com.br

⁴ Graduado em Direito pelo Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão – UNIFACEMA, leandro1994caxias@gmail.com

ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. Desse modo, os elementos do planejamento escolar possuem significado político e por isso requer análise sobre o rumo a ser dado ao trabalho pedagógico enquanto luta contra os interesses dominantes da sociedade.

Um planejamento bem estruturado não apenas orienta as ações educativas, mas também favorece a adaptação das metodologias às necessidades específicas dos alunos, garantindo um ensino mais eficaz e inclusivo. Assim, o planejamento pedagógico envolve reflexão sobre o ambiente social dos educandos, as ferramentas disponíveis na escola, o contexto da escola e alinhamento com o próprio Projeto Político Pedagógico da instituição.

Além disso, o planejamento realizado pelo docente deve estar alinhado ao planejamento pedagógico da escola, que deve ser construído por meio de uma gestão participativa envolvendo a participação dos diversos sujeitos da comunidade escolar, incluindo representantes da comunidade, pais e mães, discentes, docentes, gestores, pedagogos e equipe de apoio administrativo, entre outros. Dessa forma, diferentes perspectivas são consideradas, garantindo que o planejamento atenda às necessidades e expectativas de todos os envolvidos, e contribuindo para um ambiente educacional mais coeso e inclusivo.

Nesse processo, é fundamental implementar práticas de inclusão e diversidade na escola, uma vez que esta reflete a sociedade. Os diferentes sujeitos devem aprender — se ainda não souberem — a conviver e respeitar a heterogeneidade de indivíduos e modos de ser e sentir. Essa abordagem não apenas enriquece o ambiente escolar, mas também prepara os alunos para atuarem em uma sociedade plural, desenvolvendo habilidades socioemocionais essenciais para uma convivência harmoniosa e respeitosa no mundo fora da escola.

Dessa forma, a escola atua como um espaço de formação de agentes sociais que aprendem e disseminam boas práticas de convivência e relacionamento com a diversidade. Os comportamentos desenvolvidos nesse ambiente serão levados para fora da escola, permeando os mais diversos contextos, incluindo as relações de trabalho. Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar o planejamento e execução de práticas pedagógicas em uma entidade do Sistema S voltadas à promoção da inclusão e da diversidade no ambiente educacional e social.

A escolha do tema e da vivência selecionada se justifica por representar as

As dificuldades enfrentadas por muitos profissionais da educação que carecem de formação continuada e do apoio institucional necessários para o desempenho de suas práticas. Esses profissionais frequentemente se veem obrigados a recorrer a meios próprios para promover seu aprendizado contínuo e encontrar soluções criativas para os desafios do cotidiano. Essa realidade destaca a importância de discutir e compartilhar experiências que possam contribuir para a formação de uma rede de apoio e desenvolvimento profissional no campo educacional.

Como dito, a pesquisa é orientada partir de memorial de seus autores e embasada na teoria de importantes autores(as) como Menegolla (2012), Libâneo (2013), Huck (2008), Mendes (2012), Mantoan (2002) e Delors (2003). Ressalta-se que que embora referidos textos tenham sido escritos há pelo menos uma década, seu conteúdo é atemporal e, portanto, aplicável aos dias atuais, o que demonstra a relevância contínua das discussões propostas por esses autores no contexto educacional.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi estruturado a partir das experiências vivenciadas pelos autores, escrito de forma reflexiva e dialógica com a pesquisa bibliográfica. O memorial se constitui na relação dialética entre essas experiências e o texto narrado, mediado pela reflexão (Bruner, 1991; Cunha, 1997). Assim, trata-se de uma narrativa reflexiva e dialógica, que destaca a abordagem compreensiva e as "apropriações da experiência vivida, bem como as relações entre subjetividade e narrativa como princípios" (Souza, 2008, p. 94). Essa estrutura permite uma análise crítica e profunda das vivências, contribuindo para a construção de conhecimento de forma significativa.

Ademais, a discussão teórica foi realizada através de pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em livros e artigos científicos. Para Gil (p. 45, 2002) "a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". Assim, o texto estabelece diálogo entre a vivência e a teoria que embasa sua prática pedagógica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Processo de construção coletiva do planejamento pedagógico

O processo de construção do planejamento pedagógico do SENAI Caxias-MA consiste em permanente análise de indicadores, resultados, avaliações e desempenho dos alunos e alunas em sala de aula. Para tanto, reuniões formais e informais são realizadas regularmente entre profissionais de pedagogia e docentes para discutir os diversos aspectos do âmbito escolar.

As pautas das reuniões formais chamadas de “Reunião Técnico-Pedagógica” contêm temas cativos como análise dos resultados obtidos em avaliações de nível nacional de rendimento de alunos de cursos técnicos, evasão escolar, absenteísmo escolar, produtividade, eventos em andamento e por vir, além de socialização de desafios e questões vividas nos últimos dias.

A partir dessas reuniões técnicas são definidas estratégias pedagógicas que serão seguidas pela equipe, de modo que os docentes elaboram seu planejamento de aulas e atividades aos sábados mediante apoio dos(as) pedagogos(as) que analisam se as aulas estão de acordo com o plano de curso/disciplina e se as atividades propostas são desafiadoras e estão em consonância com as aulas ministradas.

Na ótica de Menegolla (2012, p. 61- 62):

Planejar é um ato participativo e comunitário, e não simplesmente uma ação individualista ou de um grupo fechado no seu restrito existencial ou profissional. O planejar individualista é um ato condicionante do pensar, do prever, do decidir e do fazer; ele é delimitador e reduz o campo de ideias, diminuindo a possibilidade de revolução e transformação da realidade. Ele será o resultado de uma visão limitada que pode se opor e contrariar ideias mais abrangentes e significativas.

A partir dessa concepção, o planejamento é preferencialmente coletivo, de modo que os docentes das diversas áreas estão próximos, são estimulados e tem oportunidade de trocar ideias, experiências e sugestões para o enriquecimento do fazer pedagógico e superação de desafios. Essa dinâmica fortalece os laços entre os profissionais e promove a melhoria contínua e o enriquecimento da prática pedagógica.

As decisões e análises realizadas nas reuniões têm participação e abertura para que qualquer membro da equipe possa fazer intervenção, sugestão ou crítica

com vistas à melhoria do processo ensino-aprendizagem, exceto no que tange às determinações nacionais e que decorrem do próprio método pedagógico da instituição chamado de “Metologia SENAI de Educação Profissional”.

A ideia é realizar gestão participativa com o intuito de que as pessoas sintam-se pertencentes, promovendo maior adesão possível aos planos, projetos, ideias, eventos e práticas pedagógicas, além de fomentar inovações e *insights* que possam ser socializados e utilizados pelos demais membros da equipe. Nesta perspectiva, a gestão participativa fortalece a coesão e a colaboração entre os diferentes sujeitos, garantindo a contribuição de cada pessoa sobre o todo.

Por não haver uma única maneira de se implantar um sistema participativo de gestão escolar, identificamos alguns princípios gerais da abordagem participativa. Nos mais bem-sucedidos exemplos de gestão escolar participativa, observou-se que os diretores dedicam uma quantidade considerável de tempo à capacitação profissional e ao desenvolvimento de um sistema de acompanhamento escolar e de experiências pedagógicas pela reflexão-ação (Luck, 1998, p. 27).

A reflexão e a ação ocupam um papel central na construção do planejamento pedagógico, pois as características e necessidades dos alunos, profissionais e da própria escola são consideradas. Com base nessas demandas, medidas são implementadas, sempre que possível, para adaptar as práticas pedagógicas e a gestão do ambiente escolar. O objetivo é reduzir dificuldades e promover um fluxo mais eficiente no trabalho dos docentes, tornando-o mais dinâmico e, conseqüentemente, maximizando o aprendizado dos alunos.

3.2 A escola como ambiente de inclusão e promoção da diversidade

Embora os documentos referenciais da rede SENAI abordem inclusão e diversidade como princípios norteadores da prática pedagógica e o tema seja tratado em palestras, era comum que docentes e profissionais da pedagogia manifestassem dúvidas sobre como lidar com a diversidade e aplicar práticas de inclusão no dia a dia. Essa incerteza tornava o tema particularmente delicado, especialmente em um ambiente predominantemente masculino e heteronormativo, onde a implementação dessas diretrizes enfrentava desafios adicionais.

Embora o uso do nome social e a inclusão de pessoas trans sejam amplamente discutidos, os profissionais da escola não receberam treinamento ou orientação que realmente os capacitasse para abordar essas questões de maneira adequada. Como

resultado, muitos sentiam-se inseguros, temendo que sua falta de conhecimento pudesse levar à promoção de atos que pudessem ser interpretados como preconceituosos.

Essa falta de formação específica e a realidade de discentes da escola destacou a necessidade de capacitação que possibilitasse a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. Assim, a própria equipe da escola passou a se debruçar sobre o tema e buscar parcerias para que a cada encontro pedagógico fosse tratado um tema de inclusão e diversidade.

Além de ser um direito, a Educação inclusiva é uma resposta inteligente às demandas do mundo contemporâneo. Incentiva uma pedagogia não homogeneizadora e desenvolve competências interpessoais. A sala de aula deveria espelhar a diversidade humana, não escondê-la. Claro que isso gera novas tensões e conflitos, mas também estimula as habilidades morais para a convivência democrática. O resultado final, desfocado pela miopia de alguns, é uma Educação melhor para todos (Mendes, 2012).

A meta da inclusão é que todos tenham acesso e permanência na escola, que diferentes grupos tenham oportunidade de se capacitarem e fazerem parte do mercado de trabalho no cargo e área que desejarem, sem que haja qualquer barreira social ou atitudinal excludente de pessoa pertencente a qualquer grupo. Nesse aspecto, as escolas devem adaptar-se às particularidades de seus alunos rompendo com as práticas excludentes do passado e atendendo as necessidades educacionais dos alunos (Mantoan, 2002, s/p).

De certo, ainda existem muitas lacunas quanto ao atendimento adequado e aos instrumentos capazes de promover a inclusão de diferentes indivíduos no processo de ensino e aprendizagem, certa feita que não basta estar dentro de uma sala de aula para ser incluído. Faz-se necessário que a escola repense seus conceitos, combata a discriminação, respeite a heterogeneidade de indivíduos (Batista; Cardoso, 2020).

Assim, ao se debruçar sobre diferentes temas e promover debates, análises de casos, e a escuta de depoimentos e perspectivas variadas, buscou-se estabelecer práticas e rotinas de acolhimento, inclusão e desconstrução de paradigmas dentro da escola. O objetivo era garantir que todas as pessoas presentes se sentissem seguras para serem quem realmente são, livres de qualquer forma de discriminação.

Naturalmente, essa não foi uma tarefa fácil. À medida que os temas de inclusão e diversidade se tornaram rotina nos encontros, começaram a surgir vozes discordantes, frequentemente baseadas em discursos religiosos ou conservadores.

No entanto, com paciência e respeito pelas diferentes perspectivas, esclareceu-se que a questão não se resumia a concordar ou discordar, mas a respeitar as diferenças e esclarecer a posição da instituição em rechaçar e combater qualquer ato ou discurso preconceituoso, postura alinhada à política institucional e ao respeito à legislação e normativos educacionais.

A maioria dos(as) colaboradores(as) aderiu às orientações inclusivas, demonstrando um compromisso com a promoção de um ambiente respeitoso e acolhedor. No entanto, uma pequena parcela manifestou-se contrária a essas iniciativas, mantendo comportamentos preconceituosos e realizando comentários desrespeitosos inclusive contra colegas.

Diante disso, foi necessária uma atitude enérgica por parte da gestão, que culminou no desligamento dos indivíduos envolvidos como medida retributiva e de caráter pedagógico. Essa ação teve o objetivo de deixar clara a posição institucional de respeito à diversidade, reforçando que atitudes discriminatórias não serão toleradas e que todos têm o direito de trabalhar e estudar em um ambiente livre de preconceito.

A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista (Gadotti, 1992, p. 21).

A construção de um ambiente escolar plural e inclusivo, no contexto de preparação para o mercado de trabalho, é de fundamental importância, pois permite que os indivíduos se adaptem a conviver e respeitar as diferenças. Além disso, essa vivência escolar fortalece a tendência de manter práticas inclusivas quando os alunos se inserirem no mercado de trabalho. Dessa forma, compreende-se que a escola está contribuindo significativamente para a promoção de uma sociedade mais plural e acolhedora, preparando seus alunos não apenas para o exercício profissional, mas também para a convivência harmoniosa em um mundo diversificado.

Abre-se, assim, uma perspectiva para a formação continuada com foco na inclusão, promovendo a reflexão sobre a importância de capacitar as pessoas no combate ao preconceito, na implementação de práticas inclusivas e na quebra de paradigmas. O objetivo é transformar a escola em um ambiente seguro e acolhedor, onde todos os indivíduos se sintam valorizados e respeitados. Essa formação

continua não apenas enriquece a prática pedagógica, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial. A formação contínua não deve desenrolar-se, necessariamente, apenas no quadro do sistema educativo: um período de trabalho ou de estudo no setor económico pode também ser proveitoso para aproximação do saber e do saber-fazer (...) Os professores são também afetados por esta necessidade de atualização de conhecimentos e competências. A sua vida profissional deve organizar-se de modo que tenham oportunidade, ou antes, se sintam obrigados a aperfeiçoar sua arte, e beneficiar-se de experiências vividas em diversos níveis da vida económica, social e cultural (Delors, 2003, p. 166).

A formação continuada na perspectiva da educação inclusiva aplicada no contexto do SENAI Caxias foi de sensibilização para inclusão, práticas de como atender alunos(as) com deficiências e dificuldades de aprendizagem, respeito a pessoas trans, quebra de paradigmas de que existem “cursos/profissões de homem e de mulher”, adaptação do currículo para envolver temas sobre diversidade e diferenças entre culturas, gêneros e orientações sexuais.

A realização de mesas redondas com representantes de instituições e organizações de inclusão e diversidade (Associação dos Gays, Instituição de promoção à diversidade, entre outras) permitiu esclarecimento de diversas dúvidas e quebra de tabus por parte dos profissionais da escola. Além disso, a adoção de linguagem inclusiva também foi relevante entre as atividades de inclusão, uma vez que adentrar nas regras gramaticais foi possível utilizar pronomes que abarcam indivíduos de diferentes identidades, reforçando o compromisso da escola com a inclusão e à diversidade.

O resultado de todas essas ações foi animador. Em um primeiro momento, observou-se durante a formação, o desenvolvimento de empatia, comunicação e segurança da equipe em lidar e interagir com público diverso, evitando incorrer em práticas preconceituosas. No mais, houve redução de conflitos envolvendo questões de diversidade e inclusão, demonstrando que houve contribuição para a criação de um ambiente mais harmonioso.

Um ambiente de trabalho que valoriza a diversidade, promove a inclusão e oferece acolhimento é fundamental para aumentar a satisfação dos profissionais. Esse ambiente positivo não apenas enriquece a experiência dos colaboradores, mas também favorece o aprendizado dos discentes. Além disso, um espaço educacional

inclusivo contribui para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa, onde as diferenças são respeitadas e celebradas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um planejamento participativo e coletivo orientado para a análise e solução de problemas constitui uma ferramenta poderosa para a melhoria do trabalho vivenciado na escola. A partir do estabelecimento de ações tangíveis e que estejam ao alcance da própria equipe escolar. Ao envolver todos os membros da comunidade educacional, desde professores até pais e alunos, o planejamento participativo assegura que diferentes perspectivas e experiências sejam consideradas, o que enriquece o processo decisório.

Com isso, tornou-se possível a criação de soluções inovadoras, uma vez que se abre oportunidade para que qualquer membro da comunidade ofereça contribuição a partir de seus conhecimentos e experiências. A colaboração promove o engajamento e a participação no desenvolvimento das atividades propostas, o que favorece o alcance dos resultados.

A escola tem papel fundamental na formação de cidadãos e por isso não pode ficar alheia aos problemas sociais, devendo engajar-se contra todo tipo de preconceito e perpetuação de opressão. Dessa forma, primeiramente deve cuidar para que seja um ambiente acolhedor e respeitoso às diferenças e diversidades, estabelecendo clima de inclusão e respeito entre as pessoas.

Assim, faz-se necessário implementar diversas ações visando a promoção da equidade, seja através de campanhas educativas, debates, rodas de conversa, inclusão de temas relacionados à inclusão e à diversidade no currículo, estabelecimento de código de ética, normas de conduta, formação continuada dos docentes sobre questões de gênero, raça, identidade e inclusão e/outras ações que se façam necessárias. Considerando que cada escola é um universo, é importante que a comunidade escolar discuta as estratégias e ações mais apropriadas para aquele ambiente.

Essas ações criam um ambiente seguro que permite às pessoas expressarem suas identidades, enquanto a escola se posiciona firmemente contra a opressão e promove a transformação social. No mais, os benefícios desse ambiente seguro são numerosos, registra-se a promoção da autoestima, engajamento nas atividades,

REFERÊNCIAS

BATISTA, L.A.; CARDOSO, M.D.O. **Educação Inclusiva: desafios e percepções na contemporaneidade.** Revista de educação pública. 2020. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/educacao-inclusiva-desafios-e-percepcoes-na-contemporaneidade>. Acesso em: 17 out. 2024.

BRUNER, J. **A Construção Narrativa da Realidade.** Trad. Waldemar Ferreira Netto. Critical Inquiry, 1991, 18(1), pp. 1-21.

CUNHA, M. I. **CONTA-ME AGORA!** As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação, vol. 23, n. 1 - 2. São Paulo, Jan./Dec. 1997.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

GADOTTI, M. **Diversidade Cultural e Educação para Todos.** Juiz de Fora: Graal.1992.

LIBANEO, J. C. **Didática.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCK, H. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Caminhos pedagógicos da inclusão** (2002). Disponível em <http://www.educacaoonline.pro.br/>. Acesso em 16 out. 2024.

MENDES, M. P. **Educação Inclusiva e a Declaração de Salamanca: consequências ao sistema educacional brasileiro.** Revista Integração, a. 10, n. 22, 2012.

MENEGOLLA, M., SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que Planejar? Como Planejar.** 20. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, E. C. **Modos de Narração e Discursos da memória: Biografização, Experiências e Formação.** In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Orgs). (Auto)Biografia: formação, territórios e saberes. Natal, EDUFRRN; São Paulo, Paulus, 2008.V2, p.85 a 101.